



**Contemporânea**

*Contemporary Journal*  
3(10): 17719-17741, 2023  
ISSN: 2447-0961

Artigo

# **TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO E A SUA INFLUÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO SUJEITO**

COMMUNICATION AND INFORMATION TECHNOLOGIES  
AND THEIR INFLUENCE ON THE PSYCHIC CONSTITUTION  
OF THE SUBJECT

DOI: 10.56083/RCV3N10-057

Recebimento do original: 08/09/2023

Aceitação para publicação: 10/10/2023

## **Aline de Oliveira Silva**

Mestranda em Psicologia Clínica

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Endereço: Avenida Professor Mello de Moraes, 1721, Butantã, São Paulo – SP, CEP: 05508-030

E-mail: alinesilva1@usp.br

## **Daiana Lopes Ferreira Montagner**

Graduada em Relações Internacionais

Instituição: Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP)

Endereço: Rua Almirante Pereira Guimarães, 378, Pacaembu, São Paulo – SP, CEP: 01250-000

E-mail: danielalopesferreira@gmail.com

## **Daniela Branco de Oliveira**

Especialista em Fundamentos da Psicanálise: Teoria e Clínica

Instituição: Instituto ESPE - Ensino Superior em Psicologia e Educação

Endereço: Avenida Tiradentes, 501, Jardim Shangri-Lá A, Londrina – PR, CEP: 86070-545

E-mail: psidanibranco@gmail.com

## **Jakeline Guimarães**

Especialista em Saúde Mental

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Endereço: Avenida Professor Melo Moraes, 1721, Butantã, São Paulo – SP, CEP: 05508-030

E-mail: jakeline.psi@hotmail.com



### **Kamila Gadelha Farias**

Graduada em Psicologia

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Endereço: Avenida Professor Melo Moraes, 1721, Butantã, São Paulo – SP, CEP: 05508-030

E-mail: kamilagadelhapsi@gmail.com

### **Pierina Angélica Soratto**

Mestra em Antropologia Social

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Endereço: Avenida Professor Lineu Prestes, 338, São Paulo – SP, CEP: 05508-040

E-mail: angelicasoratto@gmail.com

### **Raissa Pinto Rodrigues**

Mestranda em Psicologia Social

Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Endereço: Avenida Dom Antonio, 2100, Vila Tênis Clube, Assis – SP, CEP: 19806-170

E-mail: raissa.p.rodrigues@unesp.br

**RESUMO:** O uso crescente das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) por crianças e adolescentes tem suscitado preocupações sobre seus impactos na constituição psíquica do sujeito e no papel da parentalidade. Este estudo teórico, fundamentado na abordagem winnicottiana, discute as implicações das TICs no desenvolvimento infantil, destacando os conceitos de mãe suficientemente boa, handling, holding, fases de amadurecimento, espaço potencial e objeto transicional. O estudo conclui que as TICs podem ter um impacto positivo ou negativo no desenvolvimento infantil, dependendo da forma como são utilizadas. Um ambiente facilitador, que estabelece limites e oferece espaço para a criatividade, é fundamental para que as TICs sejam usadas de forma benéfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias, Crianças e Adolescentes, Constituição Psíquica, Parentalidade, Winnicott.

**ABSTRACT:** The increasing use of information and communication technologies (ICTs) by children and adolescents has raised concerns about their impact on the psychic development of the subject and the role of parenting. This theoretical study, based on the Winnicottian approach, discusses the implications of ICTs on child development, highlighting the concepts of good-enough mother, handling, holding, phases of maturation, potential space and transitional object. The study concludes that ICTs can have a positive or negative impact on child development, depending on how they are used. A facilitating environment, which establishes boundaries and provides space for creativity, is essential for ICTs to be used in a beneficial way.

**KEYWORDS:** Technologies, Children and Adolescents, Psychic Constitution, Parenting, Winnicott.



## **1. Introdução - As TICs (Tecnologias da Comunicação e da Informação)**

Segundo Lipovetsky (2004), vivemos em tempos hipermodernos, com o prefixo “hiper” remetendo ao exagero e à aceleração. Este contexto seria caracterizado por dois movimentos contraditórios: ora a busca incansável pela saúde, ora a supremacia das patologias individuais, do consumo exagerado e da anarquia comportamental. É possível que o termo hipermoderno esteja mais atual do que nunca, por estarmos cercados de imperativos, exigências e imagens, especialmente no meio digital. O avanço tecnológico tem transformado pessoas e culturas (ARAÚJO *et al.*, 2017).

Neste sentido, além de “hipermoderno”, também é possível pensar que vivemos em tempos “hiperdigitais” com as Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs) se espalhando e consolidando nas mais diversas áreas da vida humana, seja pessoal, seja profissional; no âmbito público e no privado.

Por Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) geralmente entende-se um conjunto de tecnologias que permitem a produção, o acesso, o manuseio e a difusão de informações, bem como a comunicação entre as pessoas, ultrapassando distâncias geográficas e tornando esse processo mais rápido e fácil. Em um sentido amplo, as TICs são formadas por um conjunto de *softwares*, *hardwares*, redes e aparatos de telecomunicação (CASTELLS, 2010; RAZZOLINE, 2012; RODRIGUES, 2016).

Como exemplos de TICs podemos citar: “(...) o telefone (seja ele fixo ou móvel), as redes de fibra ótica, o televisor, os tablets, o WhatsApp, o Instagram e, em especial os computadores (...)” (SANTOS, 2020, p. 12). Temos o florescimento cada vez maior de avanços tecnológicos, redes



sociais, a Internet popularizada na década de 1990 e os mecanismos de busca que prometem informações seguras, claras e rápidas à distância de um simples “clique”. Tudo isso envolvendo adultos e crianças, muitas vezes por horas a fio.

A era virtual parece se configurar como um “paraíso narcísico” que oferece interação, ainda que solitária (Karnal, 2018), ao passo que o virtual alimenta a ilusão de onipotência ao nos apresentar tudo como disponível - jogos, compras, filmes, livros, o que for necessário seria encontrado na Internet. Segundo Gomes (2020), o mundo virtual se apresenta de forma mais sedutora do que o real, com frustrações, limitações e finitude.

Diante dessa crescente importância, uso e disseminação das TICs, com seus aparelhos e dispositivos, pensamos que elas se constituem como um campo frutífero de pesquisas, com áreas e questões que ainda precisam ser exploradas e discutidas. Pensando nisso, o presente artigo se insere no âmbito que diz respeito ao uso das TICs - principalmente a Internet - e as suas influências na constituição subjetiva dos sujeitos. Portanto, a questão proposta aqui versa justamente sobre as influências das TICs sobre o desenvolvimento psíquico. Como se daria essa influência? Qual o seu alcance e como equilibrá-la? Qual o papel dos pais no manejo das tecnologias por seus filhos e especialmente da Internet? Poderíamos falar em esperança ou aspectos positivos para esse uso?

Como roteiro para o leitor, no primeiro tópico, falamos da base teórica empregada; posteriormente aborda-se como a tecnologia tem a ver com as afetações na parentalidade, mostrando como os pais devem estar presentes quando a criança a utiliza; no terceiro ponto, explica-se as consequências da dependência tecnológica para o desenvolvimento do sujeito e no quarto momento, trata-se de como reconhecer aspectos positivos, é fundamental ao se analisar crianças e adolescentes e a sua relação com o uso da tecnologia.



## 2. Base Teórica

A discussão que será desenvolvida ao longo deste artigo terá como base teórica alguns conceitos desenvolvidos pelo pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott, cuja obra foi dedicada a vários temas relevantes para a psicanálise até os dias de hoje. São estes conceitos: mãe suficientemente boa e fases de amadurecimento ou desenvolvimento do sujeito, espaço potencial, objeto transicional, verdadeiro e falso *self*, *handling* e *holding*. A seguir faremos um breve resumo das elaborações winnicottianas a esse respeito com o objetivo de fundamentar a discussão aqui desenvolvida.

A diferenciação do trabalho de Winnicott em relação aos grandes psicanalistas da sua época, inclusive em relação à Freud, foi a posição segundo a qual o psicanalista inglês resolveu estudar a mãe e o bebê como uma unidade psíquica. Assim, segundo Winnicott (1960), não haveria como descrever um bebê sem falar de sua mãe, pois, no início, o ambiente seria a mãe e apenas gradualmente se transformaria em algo externo e separado do bebê.

A teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott (1960) propõe que o indivíduo humano se desenvolve em um processo gradual e contínuo, porém tampouco é linear e direto. Se inicia na dependência absoluta do bebê em relação à mãe até uma dependência relativa, seguindo para a independência.

De acordo com Winnicott, o processo maturacional do indivíduo compreende três processos, que ocorrem precocemente no desenvolvimento emocional do bebê e são responsáveis pelas fundações da constituição subjetiva: 1) integração; 2) personalização e 3) realização (apreciação do tempo e do espaço e de outras propriedades de realidade). Para que esses processos ocorram de forma satisfatória, é crucial haver um ambiente facilitador que ofereça ao bebê exatamente aquilo de que ele necessita (LUCERO; VOCARO, 2015, p.5)





Para Winnicott (1960), o ambiente facilitador é o espaço relacional entre a mãe e o bebê, no qual a mãe atende às necessidades dele de forma suficientemente boa, ou seja, de modo a não exceder ou frustrar as suas demandas. Este ambiente facilitador permite que o bebê experimente a ilusão de onipotência, na qual sente que é capaz de controlar o mundo ao seu redor.

Então, o afastamento da mãe na fase em que o bebê lhe seria totalmente dependente, criaria no bebê a ilusão de que uma parte sua estaria faltando. Porém, este afastamento, no momento e do jeito adequado, é necessário para que o bebê comece a perceber a diferença entre si e o mundo exterior. Essa experiência é vivida pela criança como uma separação, que pode ser dolorosa, mas também é fundamental para o seu desenvolvimento (WINNICOTT, 1960).

A partir dessa relação inicial, o bebê começa a desenvolver um senso de si mesmo, ou seja, a consciência de que é um indivíduo separado da mãe. Este processo é gradual e ocorre ao longo de toda a infância. Portanto, o "eu" poderia se constituir "[...] os processos de uma criatura viva constituem um *vir-a-ser*, uma espécie de plano para a existência. A mãe que é capaz de se dedicar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o *vir-a-ser* de seu nenê" (WINNICOTT; 1960, p. 82).<sup>1</sup>

Desse modo, a mãe suficientemente boa é aquela que consegue adaptar-se às necessidades do bebê de forma empática e responsiva, realizando três papéis ou processos importantes, denominados pelo autor de *holding*, *handling* e a apresentação dos objetos.

*Holding* tem relação com sustentação e refere-se aos cuidados físicos e emocionais que a mãe oferece ao bebê. A mãe suficientemente boa é capaz de fornecer ao bebê um ambiente seguro e acolhedor, onde ele se sente

---

<sup>1</sup> Entretanto, Winnicott não descarta a importância das outras pessoas e do ambiente familiar que dariam à mãe as condições para que ela vivenciasse essa fase extremamente próxima e conectada com seu bebê.









mas é também uma coisa que é sentida como sendo não-eu, e por isso é um substituto para a mãe que está ausente" (Winnicott, 1953/2000, p. 328).

Já o espaço potencial para Winnicott (1975; 1990), seria um espaço que vai além, que não reduz o sujeito a uma realidade interna ou externa. Um espaço dentro e fora, uma área de repouso do ser humano, um playground necessário para lidarmos com a realidade externa e também com a nossa realidade interna, com a característica de separar e de unir ao mesmo tempo, de ser parte do bebê e do ambiente. Um lugar de criação, de criatividade (MAIA; 2007).

Além disso, este espaço estaria em continuidade direta com o espaço do brincar e da criatividade da criança. Por conseguinte, o espaço potencial continuaria a sua existência na vida das pessoas adultas, na cultura, nas artes, na religião, etc. (WINNICOTT, 1975; 1990).

Após a primeira função do espaço potencial estar cumprida, ou seja, após a separação mãe-bebê, esse espaço não desaparece. Ao contrário, ele permanece como uma área importante para o sujeito por toda vida, existindo como uma área de repouso. O espaço potencial é o lugar onde se dá não somente o jogo criativo dos primórdios da existência, mas também o uso de símbolos, a mediação pela linguagem e tudo o que constitui a vida cultural. Espaço de ilusão ou de crença, ele se estende a todo o campo da cultura, podendo tornar-se uma área infinita de separação, se preenchida continuamente através da atividade criativa (AMPARO; GREGÓRIO; 2018, p. 73-74)

Uma vez que os principais conceitos winnicottianos que utilizaremos durante a nossa argumentação já foram brevemente explanados, é possível que passemos para os outros tópicos da análise empreendida. Ao que parece a influência das TICs e especialmente da Internet sobre o desenvolvimento dos sujeitos, revela como a função dos pais ainda é muito importante e deveria ser "suficientemente boa" rumo a um desenvolvimento saudável da personalidade (verdadeiro self).



### **3. As TICs e as Afetações sobre a Parentalidade**

De acordo com Almeida (2005), o brinquedo e a própria infância são construções sócio-culturais, mercadorias de consumo. Os recursos tecnológicos também atuam como “brinquedos” e “formas de brincar”. Tais recursos podem acarretar um excesso de estímulos, mas em contrapartida, também podem ser um espaço potencial e uma forma de inventar o espaço cotidiano.

A família tem o potencial de ser a base segura a partir da qual a criança sente que pode partir para explorar o mundo. Seguindo este raciocínio, usamos o conceito de parentalidade de forma alargada, para designar muito mais que laços biológicos “(...) o campo dos cuidados parentais e às interações entre pais e filhos” (FÉRES-CARNEIRO; GORIN; MACHADO; MELLO, 2015, p. 3).

Nos dias atuais os pais muitas vezes se apresentam indisponíveis para executar tarefas que exigem paciência, delegando alguns de seus papéis para a escola e a internet. Colocar limites é uma prática fundamental para um desenvolvimento psíquico saudável e as TICs, especialmente a internet, potencializam a falta dos mesmos, sendo este um ponto que merece atenção e ao mesmo tempo é um desafio para os pais ou quem exerce esse tipo de cuidado (Scholz et al., 2015).

Segundo Winnicott (1975), com o estabelecimento da relação entre mãe e bebê, é importante que sejam ofertados, progressivamente, objetos substitutos - objetos transicionais. Na realidade atual, os aparelhos eletrônicos são oferecidos no lugar de brinquedos tanto por conta da facilidade para a distração da criança, quanto pela falta de tempo dos pais para o lazer em conjunto (LEVY & MONTEIRO, 2019).

As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), principalmente a internet, podem ser utilizadas como “brinquedos” ou “objetos transicionais” para as crianças, desde que o seu uso seja regado e



mediado por responsáveis. O problema ocorre quando as TICs ocupam o lugar de pessoas para distrair e cuidar das crianças, substituindo a parentalidade. Tal tipo de uso pode levar a uma negligência com as crianças.

Em estudo realizado por Grizólio & Scorsolini-Comin (2021), as justificativas utilizadas pelos pais para o uso consentido de internet por seus filhos, são a falta de tempo para brincar ao ar livre, falta de segurança nos espaços públicos e a importância de manusear equipamentos eletrônicos no mercado de trabalho. Sendo assim, o uso indiscriminado de tecnologia se torna comum, como se a mídia dividisse a responsabilidade de socialização com a família e a escola (GRIZÓLIO; SCORSOLINI-COMIN, 2021).

No entanto, quando se vive um excesso de presença da tecnologia nas etapas iniciais do desenvolvimento, o psiquismo pode não se desenvolver de forma satisfatória, levando a dificuldades no estabelecimento de limites e no desenvolvimento de funções simbólicas (MINERBO, 2019). As tecnologias e a internet, se apresentando como disponíveis a todo momento, não deixam espaço para a ausência e para as frustrações, que são necessárias.

Até mesmo a mãe suficientemente boa possui seus limites e consegue se separar quando preciso, porém o mesmo não acontece com o uso indiscriminado de tecnologias. É possível que isto favoreça o estabelecimento de vícios digitais e virtuais, bem como uma ansiedade e agitação extremamente precoces. Vale lembrar que a diferença entre vício digital e virtual é sutil, mas importante. O vício digital é um termo mais amplo que se refere ao uso excessivo de qualquer dispositivo ou tecnologia digital, como computadores, celulares, tablets e videogames. O vício virtual, por outro lado, se refere especificamente ao uso excessivo de tecnologias que criam um mundo virtual, como jogos de realidade virtual e a internet.

As crianças e os adolescentes necessitam do direcionamento da parentalidade sobre a utilização das tecnologias, bem como de uma rede de amparo para o estabelecimento de referências que auxiliem no estabelecimento de um uso criativo, responsável e saudável. Nesse caso, a



presença afetiva é indispensável e os pais devem participar com um cuidado suficientemente bom, implicando em atitudes continentas que permitam a simbolização (MAIA; GOMES, 2020; GRIZÓLIO; SCORSOLINI-COMIN, 2021).

Tem-se, portanto, a percepção de que mesmo conectando pessoas, o virtual não dá garantias de vinculação - que pressupõe presença, atenção, cuidado, toque e afeto (GOMES, 2020). Os familiares precisam se atentar ao uso da Internet por parte das crianças e adolescentes, preocupando-se com o lugar que os sujeitos infanto-juvenis desempenham no mundo virtual, de forma a resguardar um desenvolvimento psíquico saudável (LEVY; MONTEIRO, 2019).

A presença excessiva proporcionada pela tecnologia, pode trazer consequências para o desenvolvimento psíquico, ainda mais quando se torna um ser tão onipresente que não deixa espaço para a alteridade. De acordo com Renata Locatelli:

A evidência do caminho escapa de repente, sobretudo se os pais não são suficientemente afetuosos, disponíveis e provedores de limites. O sofrimento é um bloqueio do sentimento de identidade. O jovem perdeu seu centro. Se não encontra limites de sentido colocados por seus pais ou por outros adultos para ele importantes, para discutir ou combater tais limites, se torna vulnerável. (LOCATELLI, 2022, p.29)

Portanto, as TICs podem ser facilitadores para a parentalidade, podem funcionar como objetos transicionais que ajudam a preencher a ausência materna e paterna, porém a facilidade com que podem absorver as crianças e a dificuldade em se estabelecer limites para o seu uso são desafios que se colocam para que a sua utilização possa ser construtiva e suficientemente boa. Então, são facilitadores mas também desafios que se colocam para a parentalidade contemporânea. Por mais que as TICs possam ajudar, impõem responsabilidades.



#### **4. TICs e Desenvolvimento dos Sujeitos: Intrusão ou Criatividade?**

Segundo Winnicott (1967), a saúde tem relação com o viver, com a saúde interior e, de modo diverso, com a capacidade de vivenciar experiências culturais. O espaço criado pelas TICs como os jogos de videogame, a internet e com ela, as redes sociais, compartilhamento de vídeos e comunidades virtuais, entre outros, poderiam ser considerados como experiências culturais, principalmente, se o seu uso for feito de forma criativa.

Contudo, estamos observando também outras consequências do uso indiscriminado da tecnologia principalmente por crianças e jovens. Crianças ansiosas, agressivas, com dificuldade na formação do vínculo parental, na capacidade de simbolização, de sentir tédio. E adolescentes com dificuldades de intimidade, mais isolados, apáticos e narcísicos. E em ambos os casos, há uma dependência tecnológica que os afasta do ser e do viver.

O bebê nasce em total vulnerabilidade, como diz Winnicott (1960) não há um bebê sem o cuidado materno, o ser é um ser com o outro, portanto além dos cuidados da saúde física, é fundamental a interação do cuidador com o bebê. Há o potencial herdado do indivíduo que inclui uma tendência para o crescimento e desenvolvimento, porém ele não virá a ser um bebê exceto por meio do cuidado materno.

O desenvolvimento é uma conquista a ser adquirida através da experiência do ser que pressupõe cuidados parentais satisfatórios, como o *holding* que não é apenas segurar fisicamente o bebê, mas é o que garante a integração do espaço e do tempo, é o continuar a ser, um estado relaxado do bebê que se funde ao ambiente - a fase da dependência absoluta. O resultado do progresso normal no desenvolvimento do bebê é ele alcançar o "estado de unidade", para depois ele adquirir a capacidade para relações de objeto objetivamente percebido, que ocorre quando ele muda do bebê





fundido com a mãe para ser separado dela, como “não-eu” (WINNICOTT, 1960).

E se esse processo sensível e complexo sofre uma interferência? E o continuar a ser é interrompido? Se a mãe (cuidador) não é presente e em seu lugar é apresentada a tecnologia, ou seja, apresentam-se as telas para fazer a sustentação do bebê e o seu estado relaxado é perturbado por estímulos intrusivos? Winnicott (1960, p.57-58) diz que:

[...] qualquer ameaça ao isolamento do *self* verdadeiro constitui uma ansiedade maior neste estágio inicial e as defesas da infância mais precoces ocorrem por falhas por parte da mãe (no cuidado materno) em evitar intrusões que poderiam perturbar esse isolamento [...] O núcleo central do ego é afetado e essa é a natureza real da ansiedade psicótica” (WINNICOTT, 1960, p.57-58).

A tecnologia introduzida precocemente e de forma indiscriminada pode ser vista como esse agente intrusivo do ambiente com o qual o ego não está preparado para lidar. A ansiedade nestes estágios iniciais do relacionamento pais-bebê está ligada à ameaça de aniquilação, pois no “(...) ambiente sustentador, o “potencial herdado” está se tornando uma “continuidade do ser”. A alternativa a ser é reagir, e reagir interrompe o ser e aniquila” (WINNICOTT, 1960, p.58). No contexto do desenvolvimento infantil, Winnicott acreditava que a ansiedade é uma parte normal do processo de separação-indivuação. Os bebês experimentam ansiedade quando estão separados da mãe ou quando são confrontados com algo novo ou desconhecido.

A ansiedade é importante para o desenvolvimento infantil, pois ajuda os bebês a aprenderem a lidar com situações estressantes. Os pais podem ajudar a reduzir essa ansiedade fornecendo um ambiente seguro e estável. Isso inclui fornecer cuidados consistentes e responsivos e criar um ambiente físico seguro e confortável. Winnicott (1971, p. 35) afirma que “a ansiedade é uma experiência subjetiva que pode ser causada por uma variedade de fatores, incluindo frustração, separação e insegurança”.





intimidade, de ser criativo, de tolerar frustrações, entre outros. Como pensar esse encontro com o outro na era virtual?

As TICs são agentes presentes no ambiente de hoje e não deveriam ser introduzidas nos primeiros estágios da vida, pois como vimos, podem interromper o “continuar a ser”, gerando sérias consequências para o desenvolvimento do sujeito. Após esse período, elas podem ser usadas a favor ou contra o desenvolvimento. No ambiente suficientemente bom elas não substituem a presença e o cuidado dos pais, que como vimos são fundamentais na constituição do sujeito.

Diante disso, as novas ferramentas tecnológicas, se tornaram uma parte essencial na vida, de tal forma que é improvável pensar os dias sem essas tecnologias. Tal fato facilita a comunicação, no entanto, o uso excessivo e abusivo de tais ferramentas produz prejuízos emocionais e sociais, inclusive alterações no ciclo de sono e vigília, aumento da impulsividade e sintomas ansiosos e depressivos. O uso precoce de tal ferramenta provoca também comprometimento no desenvolvimento psíquico e de habilidades motoras e sociais. De tal modo que o seu uso precoce por parte das crianças precisa ser bastante pensado e monitorado pelos pais a fim de que não resulte em prejuízos irreversíveis.

## **5. As TICs e seu Uso Positivo na Constituição do Psiquismo**

A partir do que foi exposto até o momento, percebemos algumas consequências subjetivas do uso da tecnologia. Observa-se facilmente vários efeitos nocivos do uso das TICs e o perigo que podem representar para o desenvolvimento psíquico, caso o seu uso não seja conduzido e regrado pelos pais ou por quem exerce esse papel. Contudo, existiriam efeitos positivos e potencializadores das TICs, especialmente da Internet, para o desenvolvimento psíquico dos sujeitos? Haveria assim, uma esperança na utilização cada dia maior das tecnologias na sociedade?



No artigo “O brincar e a realidade virtual” (ROMÃO-DIAS & NICOLACI-DA-COSTA, 2012) afirma-se que a Internet pode servir de espaço potencial, considerando a semelhança entre ambos. Para isso, as autoras realizaram uma pesquisa de campo com indivíduos que frequentavam salas de bate papo para se relacionar de forma on-line. Como na rede temos menos informações derivadas dos sentidos, como a imagem, voz e cheiro do outro, as pessoas podiam utilizar a falta de referências para ter maior liberdade e para preencher com sua fantasia as inevitáveis lacunas entre o que o outro diz e o que é possível averiguar. Portanto, essa possibilidade de se (re)criar e de empregar a criatividade no ambiente virtual gera uma liberdade de ação que se assemelha ao conceito espaço potencial desenvolvido por Winnicott (ROMÃO-DIAS & NICOLACI-DA-COSTA, 2012).

Turkle (1997) também menciona diversos efeitos positivos da tecnologia. Dentre eles está justamente a possibilidade de o usuário de jogos ter uma experiência transicional. Este espaço seria regido por leis próprias que permitem que o sujeito não esteja nem submetido às pressões da realidade, nem preso ao seu mundo interno. De acordo com a autora “os espaços virtuais podem proporcionar-nos a confiança necessária para expormos as nossas imperfeições, de modo a que consigamos começar a aceitar-nos tal como somos. A virtualidade não tem que ser uma prisão. Pode ser a jangada, a escada, o espaço transicional.” (TURKLE, 1997, p. 393-4).

A partir disso, retomamos o conceito de espaço potencial, por meio do qual Winnicott (1971/1975) propõe que caso a mãe possibilite que, nos primórdios do desenvolvimento, o bebê tenha a experiência de onipotência e controle mágico, ele terá a base para ocupar esse espaço intermediário. Quando o bebê confia na mãe, cria-se um espaço potencial entre os dois, pois o bebê é capaz de viver a magia e a onipotência. Isso cria um *playground* compartilhado, onde o brincar irá começar. Ou seja, o brincar só pode acontecer se antes a mãe for capaz de iludir o bebê para desiludi-lo, de forma que ele possa suportar. O brincar seria assim uma conquista do



desenvolvimento emocional, exigindo que as fases primárias do desenvolvimento psíquico tenham ocorrido bem (WINNICOTT, 1971/1975).

Nesse sentido, o espaço potencial é extremamente valioso para a criança e o adulto. Conseguir ocupar esse espaço é um indício de que o ser humano atingiu uma nova fase de seu desenvolvimento e é extremamente importante para estabelecer o que Winnicott (1971/1975) chama de “sentimento de que a vida vale a pena ser vivida”. Além disso, o brincar também será responsável por auxiliar o indivíduo na busca de seu *self*. Ele possibilita que o indivíduo possa ser criativo e utilize sua personalidade integral. Para alcançá-lo, é necessário que a pessoa possa entrar em um estado não intencional, de relaxamento, quando não há ansiedade ou falta de confiança que mobilize defesas. O ambiente digital proporciona que o sujeito viva sua fantasia no mundo virtual. Isso possibilita dois movimentos paradoxais: primeiro, o sujeito pode brincar como uma criança, mas com objetos virtuais; segundo o sujeito pode fantasiar sem precisar de objetos físicos. Dessa forma, o jogo une a brincadeira e a fantasia de uma nova forma. (NOGARA, 2022)

Nessas condições, o indivíduo não precisa manter tudo organizado e dar sentido a todos os acontecimentos, ele pode perceber que algumas coisas não têm sentido e se permitir ficar em um estado não integrado de personalidade. Sendo assim, a condição de confiança no ambiente permite uma posição de relaxamento, que possibilita a atividade criativa física e mental (manifestada no brincar) e essas experiências, por sua vez, formarão a base do sentimento de existência (WINNICOTT, 1971/1975).

Assim, consideramos que a partir da plasticidade das TICs podemos fazer múltiplos usos delas, inclusive aqueles que se assemelham ao uso da criatividade, do brincar e a ocupação do espaço potencial analisados por Winnicott. A intenção, portanto, não é negar os fatos potencialmente destrutivos das TICs, mas também lançar luz aos fatores que aproximam os indivíduos da vida e do encontro.





Portanto, as tecnologias da comunicação e informação, com os seus diversos dispositivos, não têm apenas aspectos negativos, mas apresentam também uma infinidade de possibilidades de uso positivo e criativo até mesmo para o desenvolvimento psíquico. Quando bem integradas podem oferecer um espaço potencial de criatividade e relaxamento.

## **6. Considerações Finais**

Diante do exposto, percebe-se que o brincar, as relações e a própria educação das crianças têm sido afetados de forma intensa pelas TICs e o uso delas pode ser um sintoma em si da hipermodernidade atual. Dependendo de como as TICs forem empregadas, do modo como se interage *com* e *por meio* delas, pode-se ter resultados positivos e negativos, bem como uma somatória de ambos.

Na adolescência, é bastante comum a interação em grupos e a Internet potencializa essa dimensão grupal, seja em *chats*, em jogos e em variadas modalidades de redes sociais.

Contudo, é importante que os pais realizem a intermediação sobre este uso, evitando os devidos excessos e os perigos possivelmente provenientes, pois há uma impressão de anonimato e inimputabilidade, deixando as crianças mais expostas do que em seus ambientes comuns, pois nas telas, não se sabe quem está do outro lado e quais as suas intenções. Assim como não se deixa uma criança ou adolescente sozinhos no meio da rua em um lugar perigoso, os pais devem procurar estar com aquela criança ou adolescente, supervisionando e orientando.

Desse modo, pode-se dizer que as tecnologias de comunicação e informação em si mesmas não são nem positivas e nem negativas para o desenvolvimento psíquico do sujeito. Formam um grande universo que pode ser usado tanto de forma nociva, quanto de forma criativa, além de poder funcionar como espaço potencial. O que torna-se necessário é equilibrar o



seu uso e inseri-lo dentro de um contexto funcional, com o estabelecimento de limites. Isto é, mesmo no uso das TICs, o ambiente e a parentalidade, como já mostrou Winnicott (1975), continua tendo um papel fundamental para o desenvolvimento psíquico do sujeito.

A fantasia é mais primária que a realidade e pode ser enriquecida com diversas riquezas do mundo. Importa enfatizar que o ambiente facilitador deve propiciar ao sujeito a capacidade de criar e recriar, segundo o princípio de prazer, até que ele esteja pronto para aceitar o princípio da realidade. Desse modo, por mais inovações tecnológicas que surjam e sejam incorporadas nos processos de desenvolvimento, o papel do humano continua primordial (WINNICOTT, 1960; 1967).



## Referências

ALMEIDA, M. T. P. O Brincar na Educação Infantil. Revista Virtual EFArtigos. Natal/RN- volume 03- número 01- maio, 2005. Disponível em <http://efartigos.atspace.org>, acesso em 08 de agosto de 2023.

AMPARO, D.M.; GREGÓRIO, S.D. O brincar e o espaço potencial no ambiente virtual. Revista Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica: Rio de Janeiro v. XXI n. 1 jan/abr 2018 71-82. Disponível em <http://www.scielo.br>, acesso em 10 de agosto de 2023.

ARAÚJO, S. P. et al. Tecnologia na Educação: Contexto Histórico, Papel e Diversidade. Anais do CEMAD -IV Jornada de Didática e III Seminário de Pesquisa do CEMAD. Londrina, 2017.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T.; GORIN, M. C.; MACHADO, R.N.; MELLO, R. O estatuto contemporâneo da parentalidade. Rev. SPAGESP vol.16 no.2 Ribeirão Preto 2015. Disponível em <http://www.scielo.br>, acesso em 20 de maio de 2023.

GOMES, V. R. R. Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual - reflexões sobre as relações contemporâneas. In: Okamoto, M. Y. & Maia, B. B. (Orgs), *Leituras sobre a sexualidade em filmes: Psicanálise e vínculos*. Vol. 3 (pp. 77-90). São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

GRIZÓLIO, T. C.; SCORSOLINI-COMIN, F. Niños en la red: percepciones de padres y madres de niños sobre el uso de internet. *Ciências Psicológicas*, 15(2), e-2238. <https://doi.org/10.22235/cp.v15i2.2238>, 2021, acesso em 20 de janeiro de 2023

KARNAL, L. O dilema do porco-espinho: como lidar com a solidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

LEVY, Elizabeth Samuel, & MONTEIRO, Louise Freitas. (2019). Internet e psicanálise: considerações sobre seus efeitos na forma de subjetivação da criança. *Estudos de Psicanálise*, (52), 59-67. Disponível em <http://www.scielo.br>, acesso em 10 de maio de 2023.

LIPOVETSKY, G. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LOCATELLI, R. S. Adolescência e laço social: articulações possíveis no contexto dos jogos on-line. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2022.



LUCERO, A.; VORCARO, Angela. A importância da teoria de Winnicott sobre a comunicação para a construção do significado ética da psicanálise. *Nat. hum.* vol.17 no.1 São Paulo: 2015. Disponível em <http://www.scielo.br>, acesso em 20 de agosto de 2023.

MAIA, B. B. & GOMES, D. D. (2020). Black Mirror - Arkangel: reflexões sobre narcisismo e parentalidade no contemporâneo. In: Okamoto, M. Y. & Maia, B. B. (Orgs), *Leituras sobre a sexualidade em filmes: Psicanálise e vínculos*. Vol. 3 (pp. 91- 106). São Carlos: Pedro & João Editores.

MINERBO, M. (2019). *Neurose e não neurose*. 2a ed. São Paulo: Blucher.

NOGARA, M. A. Adição aos jogos digitais: uma investigação psicanalítica. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2022.

RAZZONLINE FILHO, Edelvino. Administração da pequena e média empresa. Curitiba: IESDE, 2012.

RODRIGUES, Ricardo Batista. Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Recife: IFPE, 2016.

ROMÃO-DIAS, D; NICOLACI-DA-COSTA, A. O brincar e a realidade virtual. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, v. 34, n. 26, p. 85-101, 2012.

SANTOS, Eliane Lopes dos. O uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) junto às intervenções psicológicas de pacientes diante da pandemia do novo corona vírus (COVID-19): uma análise de seus benefícios. Maceió: 2020. TCC (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário CESMAC, Maceió - AL, 2020.

SCHOLZ, Ana Luíza Tomazetti, SCREMIN, Ana Luíza Xavier, BOTTOLI, Cristiane, & COSTA, Vanessa Fontana da. (2015). O exercício da parentalidade no contexto atual e o lugar da criança como protagonista. *Estudos de Psicanálise*, (44), 15-22. Disponível em <http://www.scielo.br>, acesso em 13 de maio de 2023.

TRINDADEI, Jaqueline C. Salles; FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Memória da presença e desenvolvimento emocional em Winnicott. *Nat. hum.* vol.23 no.1 São Paulo jan./jun. 2021. Disponível em <http://www.scielo.br>, acesso em 21 de julho de 2023.

TURKLE, S. A vida no ecrã: identidade na era da Internet. Lisboa: Relógio D'água, 1997.



WINNICOTT, D. W. *A teoria do relacionamento pais-bebê*. In: Winnicott, D. W. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu editora, 1960.

WINNICOTT, D. W. *A criatividade e suas origens*. In: Winnicott, D. W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu editora, 1967.

WINNICOTT, D. W. *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. (1971). *O Brincar e a Realidade*. (2a ed.). São Paulo: Ubu, 2019.

WINNICOTT, D. W. (1990a). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. (1990b). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, D. W. (2012). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

WINNICOTT, D. W. (2000). *Objeto transicional e fenômenos transicionais*. In: *O brincar e a realidade* (p. 326-333). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1953).